

Frei Giorgio

Dermi Azevedo

Completam-se cinco anos com o Giorgio. Sim. Com o Giorgio porque ele continua misteriosamente presente nos sonhos, nos protestos e na utopia de seus companheiros de luta política por um possível mundo novo e no sorriso das crianças e dos jovens beneficiados pelos projetos que esse padre dominicano de Veneza semeou no Brasil e noutros países da América Latina. O que diria hoje o Giorgio diante da conjuntura mundial e da lenta e progressiva deterioração do Império? O que aconselharia aos seus amigos de todas as categorias sociais? O que recomendaria aos seus colaboradores, no CEPE, na Colônia Veneza, na Escola Agrícola, na Escola Esperança?

Giorgio apontaria, na crise econômica imperial, os sinais de uma queda demorada, mas inevitável. Diria que os povos e as nações ainda submetidas aos efeitos desumanos do capitalismo neoliberal. Leitor atento dos acontecimentos, ele observaria, perplexo, a pronta iniciativa da China ao socorrer os Estados Unidos para garantir a sobrevivência do sistema cujo deus é o dinheiro. Noutro nível, falaria de sua preocupação com o impacto social desse atual tropeço do Goliás do Norte. Recursos para projetos sociais em diminuição, entrega sem restrições de recursos públicos para "salvar" bancos e outras empresas transnacionais. Aumento dos preços de produtos básicos do dia-a-dia. Surgem os "novos pobres" do sistema, ou seja, os "necessitados" integrantes da elite mundial (tanto indivíduos, quanto pessoas jurídicas) são socorridos, porque a máquina não pode parar.

Aos seus amigos de diversos segmentos sociais, Giorgio repetiria seus pedidos de sempre: apoio ao projeto de emancipação da humanidade, especialmente às iniciativas voltadas para a superação das injustiças sociais. Costumava dizer aos seus antigos e novos amigos: "Ajudem o velho...". Ajudar o velho não significava apenas dar dinheiro. Embora pedisse ajuda financeira, o se apelo era muito mais abrangente. No seu linguajar veneto-latino-americano, fazia tudo para convencer e persuadir os seus interlocutores de que é importante, necessário e urgente lutar para mudar radicalmente (isto é, pela raiz) as estruturas geradoras da exclusão social e da miséria.

Aos seus colaboradores, Giorgio pediria que mantivessem e aprofundassem o espírito de seu trabalho. Que não desanimassem diante da constante falta de recursos. E que soubessem exercer, com simplicidade, a arte de agradecer. Não esquecera de dizer, aos sócios, aos diretores do CEPE e aos outros colaboradores, que se mantivessem fiéis aos valores e aos sonhos que lhe motivaram a se tornar um missionário da libertação e da solidariedade.

Seu empenho pela causa da libertação, valeram-lhe a pecha de "comunista".

Giorgio dizia que não havia atingido, na sua trajetória de vida, o nível de compromisso inerente a essa dignidade. Sua teimosia em construir onde ninguém achava possível construir qualquer coisa - um charco.um bairro pobre - valeram-lhe também a pecha de "louco". Sim. De fato, ele era "louco" por justiça, fraternidade e espalhava essa evangélica loucura por toda parte.

Costumava citar uma frase de d,Hélder Câmara:"Quando eu dou um pão ao pobre, me chamam de caridoso; quando defendo a luta para mudar as estruturas que não deixam o pobre comer pão, me chama de comunista".

Testemunhei várias vezes as lágrimas de Giorgio. Chorava quando sentia que faltavam recursos suficientes para os seus "meninos" e "meninas" de Peruíbe; quando se sentia enganado por algum de seus colaboradores quando pedia perdão a quem julgava ter ofendido com seu jeito de reclamar. Aceitava humildemente os pedidos de desculpas e não guardava mágoas por muito tempo.

Naquela tarde de dezembro de 2003, fazia calor na pequena sala de redação da revista "Revés do Averso". Giorgio tentava manter o controle sobre o texto do editorial que escrevia. Quando se cansou demais, pediu-me que terminasse seu artigo. Concluí sua coluna em que, mais uma vez, denunciava o mal estrutural inerente ao capitalismo e em que dizia que, apesar de tudo, um outro mundo é possível.

"Ajudem o velho" ouço constantemente essa voz que clama, às vezes no deserto, mas que acaba ecoando, por toda parte, no coração de homens e de mulheres de boa vontade.

Dermi Azevedo é jornalista e cientista político. É diretor secretário do CEPE e compartilhou com Giorgio a luta contra a ditadura militar (1964-1985).



www.dhnet.org.br